

O HETERODISCURSO EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Francisco das Chagas Souza COSTA¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
fchagas2009@gmail.com

Maria do Socorro Maia Fernandes BARBOSA²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
socorromaia@uern.br

RESUMO: A relação entre os estudos da Linguística e da Literatura deve ser vista com muita naturalidade, pois a premissa básica de que a arte literária é construída, essencialmente ou em boa parte, pela linguagem carregada por práticas discursivas parece ser pouco refutável. Ao corroborar essa ideia, o presente artigo tem o objetivo de analisar aspectos discursivos, sobretudo relacionados à presença do heterodiscurso (conceito postulado pelo filósofo russo Mikail Bakhtin), no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* do escritor Lima Barreto. A análise do *corpus* parte do princípio de que linguagem e discurso são componentes intrínsecos e inerentes um ao outro. Logo, o interno da obra dialoga com o externo numa relação de complementariedade. Perceber e revelar essas nuances dialógicas é o cerne deste trabalho. Como aportes teóricos, têm-se Bakhtin (2015), Maingueneau (2009), Brait (2005, 2017), entre outros. Com isso, espera-se trazer alguma contribuição para discussões teóricas que rompam o hiato entre Literatura e Linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin. Heterodiscurso. Romance. Lima Barreto.

THE HETERODISCURSO IN SAD END OF POLICARPO QUARESMA

ABSTRACT: The relation between the studies of Linguistics and Literature must be seen very naturally, for the basic premise that literary art is constructed, essentially or in large part, by the language charged by discursive practices seems to be little refuted. In support of this idea, this article aims to analyze discursive aspects, mainly related to the presence of heterodiscourse (concept postulated by the Russian philosopher Mikail Bakhtin), in the novel *Triste Fim de Policarpo Quaresma* by the writer Lima Barreto. The analysis of the corpus assumes that language and discourse are intrinsic and inherent components of one another. Therefore, the internal of the work dialogues with the external in a relation of complementarity. Realizing and revealing these dialogic nuances is at the heart of this work. As theoretical contributions, we have Bakhtin (2015), Maingueneau (2009), Brait

¹ Doutorando em letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Campus de Pau dos Ferros.

² Professora Adjunto IV do Departamento de Letras Estrangeiras, no Campus Avançado Professora Maria Eliza de Albuquerque Maia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

(2005, 2017), among others. With this, it is hoped to bring some contribution to theoretical discussions that break the gap between Literature and Linguistics.

KEY WORDS: Bakhtin. Heterodiscourse. Romance. Lima Barreto.

INTRODUÇÃO

As formulações teóricas mais recentes acerca dos fenômenos linguísticos têm como ideia essencial a relação entre o objeto abstrato, isto é, a linguagem e os indivíduos vistos como seres configurados nos diálogos sociais. A gênese desse processo parece estar no começo do século passado. Em outras palavras, no início do século XX, Ferdinand Saussure inaugurou os estudos da linguagem a partir de um viés estrutural do código linguístico. A complexidade dos processos de realização linguística fez com que o pioneiro da ciência da linguagem estabelecesse um recorte no qual a língua só poderia ser analisada enquanto código social estático. O que Saussure denominou de *langue* (língua) representava, na verdade, apenas uma parte do potencial linguístico imensurável da humanidade. Ele não vislumbrava a língua como um complexo instrumento de interação social e, assim, estabeleceu uma teoria estruturalista que, mesmo repleta de lacunas, serviu de base para uma antítese que são as teorias de viés sociointeracionista. As limitações dos estudos do linguista suíço parecem revelar apenas a incipiência de um novo ramo da ciência humana a qual evoluiria no sentido de uma análise mais densa do sujeito social que só se realiza por meio do que se convencionou chamar de linguagem enquanto prática discursiva de uma coletividade heterogênea e multifacetada.

Numa espécie de correlação com a ciência da linguagem (linguística), os estudos referentes à crítica literária têm em seu princípio o pensamento estruturalista com suporte para análise de texto literário. O estruturalismo literário, assim como o linguístico, apresenta uma ótica redutora para o estudo e compreensão da linguagem. A suposta linearidade entre significante e significado foi facilmente refutada pela simples constatação

de que a linguagem não se resumiria numa relação estanque entre emissor e receptor que compartilhassem de um código linguístico homogêneo e invariável.

Desse modo, em um contexto histórico problemático, isto é, no íterim de guerras e revoluções socialistas, construiu-se uma teoria da linguagem que passava a compreender o indivíduo como sujeito social cuja identidade era constituída incessantemente pela interação verbal. A linguagem, em todas as suas aplicações que envolvem as áreas humanas, seria portadora do que veio a ser chamado de discurso o qual carrega em si a “semente” de muitas ações transformadoras da sociedade.

Diante de tão complexa configuração dos estudos linguísticos e de sua relação pragmática com os fatos sociais, qual seria o intercâmbio entre a arte a literária e a ciência da linguagem? Embora pareça quase consensual, nos dias atuais, de que a literatura é um repositório de discursos e ideologias, há uma concepção de que a arte literária, pelo seu caráter imaginário, não poderia servir de base para a compreensão de uma realidade imediata e concreta. Tal pensamento refere-se àqueles que veem a literatura como arte sublime cujo adorno impede um contato social mais significativo. Se assim fosse, o que seria da literatura engajada? Seria uma não literatura? Como se percebe, a mesma dicotomia entre Linguística e Literatura é realizada dentro da arte literária quando se desqualifica uma obra pelo seu nítido viés político-ideológico.

O entendimento de que a linguagem tem uma amplitude que supera qualquer tipo de relação dicotômica faz com que se proponha a discutir a presença de relações discursivas no texto literário levando em conta fatores objetivos (a linguagem enquanto matéria constituinte do texto) e subjetivos (os discursos repletos de ideologias). Portanto, a ideia de que a constituição e prática da linguagem tem na sua essência, quando se fala das relações sociais, um caráter eminentemente ideológico, não é nem um pouco desatinada.

Nesse sentido, a forma como as práticas linguísticas são articuladas para que se atinja as finalidades pensadas ideologicamente são configuradas no que se convencionou chamar de texto o qual, por sua vez, se desdobra em gêneros. De modo geral, pode-se dizer que existem os textos nos quais se enquadram uma perspectiva de denotação (uma suposta expressão direta da realidade) e os textos ficcionais que pertencem ao campo da arte literária. Diante dessas diferenças de uso e estilos de linguagem, o questionamento cabível é: até que ponto o texto literário pode ser instrumento da disseminação de discursos que refletem numa realidade imediata da sociedade? A crítica literária e os estudos da linguística, por vezes divorciados no debate acadêmico, precisam se coadunar para que haja uma construção de um pensamento mais imparcial e abrangente acerca das complexas relações sociais intermediadas pela linguagem.

Dessa forma, o texto literário, visto aqui no seu caráter mais mimético possível, ganha espaço para um debate no qual as práticas linguísticas têm um poder revolucionário *sui generis*, pois a possibilidade de propagação de ideias que se confrontam com uma realidade adversa parece ser ampliada quando se possui o subterfúgio da arte literária. A proposta de analisar um aspecto discursivo (heterodiscurso), no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* do escritor Lima Barreto, parte dessas premissas elementares que pretendem retirar da linguagem literária a pecha de um afastamento categórico dos discursos que influenciam e sofrem influência da sociedade. Com essa lógica, os estudos e ideias de Bakhtin (2015) acerca dos fenômenos linguísticos são vanguardistas na medida em que compreendem que os sujeitos, querendo ou não, estão em permanente diálogo de ideias. Ademais, percebeu-se que é impossível o indivíduo permanecer imune a todas as implicações ideológicas e culturais que norteiam qualquer sociedade.

Nessa conjuntura, tendo com arcabouço o texto literário (especificamente o romance supracitado), será possível perceber como a linguagem se torna instrumento de

ideologias que estão explícitas ou implícitas em discursos literários ou não. Assim, as relações entre autor, contexto histórico e público leitor são fatores externos que compõem o discurso enquanto ideologia. Por sua vez, a palavra escrita, enquanto matéria linguística, é o meio capaz de estabelecer as ações dialógicas que partem do plano abstrato das ideias, mas não se eximem de uma configuração da realidade.

Sendo assim, não é em vão que no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* será percebido a presença do heterodiscurso como marca discursiva que revela a necessidade de que o sujeito tem de estabelecer confrontos de vozes e discursos. Em outras palavras, o que o indivíduo pensa e diz só ganha sentido quando tem a aprovação ou refutação do outro. Nesse caso, o personagem protagonista Policarpo Quaresma é representante de um discurso que só tem lógica na medida em que sofre com a antítese de outros discursos. O que parece correto é não julgar quem tem razão nesses embates de ideologias, mas compreender como nós, enquanto sujeitos socioideológicos, estamos condicionados às práticas discursivas.

1 A NOÇÃO DE HETERODISCURSO E A CONFIGURAÇÃO DO ROMANCE

O pensamento de que a linguagem se configura na inter-relação humana como repositório de múltiplos discursos os quais representam as mais diversas instâncias sociais tornou-se recorrente nos meios acadêmicos atuais. É nessa lógica que os estudos de Bakhtin sobre o papel da linguagem, nesse intrincado “duelo de vozes” existente na sociedade, foram direcionados a perceber como os sujeitos põem os discursos alheios e distintos numa mesma arena de debate. Uma das propostas do filósofo russo, desse modo, não deixou de ser a construção de uma teoria linguística calcada no princípio da alteridade. Em outras palavras, por ser essencialmente dialógica, a linguagem tende a ser instrumento de vários discursos que se cruzam e, por vezes, se hibridizam. Assim, a relação entre o

“eu” e o “outro” perpassa por um contato de troca e/ou de influência mútua no qual os discursos portadores de nossas ideologias podem ser tomados por empréstimo devido a uma necessidade que os sujeitos têm de se reportar ao outro para construir “seus enunciados”.

Ademais, em Bakhtin é possível encontrar uma tentativa de superação de um caráter dicotômico de estudos da linguagem que separavam o material linguístico dos seus condicionantes sociais. Ao unir linguagem e sociedade por meio de uma concepção na qual os indivíduos são interlocutores de discursos, a teoria bakhtiniana consegue romper muitos hiatos no tocante a abordagens teóricas que reduziam a dimensão pragmática dos fenômenos linguísticos. Vertentes teóricas de natureza estruturalistas *versus* sociológicas tendiam a ter uma ótica incompleta acerca da linguagem a qual na verdade se compõe de significantes cujos significados só podem ser construídos socialmente. Assim, a própria ideia de dialogismo proposta pela teoria bakhtiniana estabelece a conexão imanente entre o aspecto interior e exterior que envolve a linguagem. Ao discorrer acerca do caráter dialógico da linguagem sob a ótica de Bakhtin, Barros (2005) afirma:

Bakhtin, repetimos, considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insiste no fato de que o discurso não é individual, nas duas acepções de dialogismo mencionadas: não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos. Conciliam-se, assim, nos escritos de Bakhtin, as abordagens do texto ditas “externas” e “internas” e recupera-se, no texto, seu estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico (BARROS, p. 32)

Sendo assim, no bojo da concepção dialógica da linguagem, existe a ideia de que os interlocutores tendem a dialogarem através de seus discursos. Pauta-se, desse modo, o conceito de heterodiscurso (o discurso do outro) que remete à condição humana de não estar só no ato discursivo. De outra forma, pode-se dizer que a heterodiscursividade é uma

constatação categórica de que o sujeito necessita do discurso do outro para compor o seu próprio discurso. Assim, independente de uma postura de concordância em relação ao pensamento alheio, o sujeito é condicionado, socialmente, a manter “o outro” como ponto de referência, pois um discurso só existe quando é endossado ou refutado por outro.

A linguagem, nessa perspectiva, no âmbito das ciências humanas, aparece de forma explícita ou não para representar constitutivamente a presença de discursos alheios na construção enunciativa do sujeito que está com a palavra. Assim, no uso oral ou escrito, verbal ou não verbal, é possível constatar a presença do discurso do outro. A interlocução discursiva ocorre, na ótica bakhtiniana, nas mais diversas manifestações linguísticas. Seja de natureza cotidiana ou artística, a palavra será tomada para reproduzir discursos os quais interagem pela necessidade dialógica. Nas palavras de Bakhtin, ocorre o seguinte:

Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto. (2015, p. 51)

Ao pautar-se por essa concepção da impossibilidade de um isolamento do sujeito como um ser constituído e constituinte de discursos, a abrangência teórica bakhtiniana chega ao texto literário. Não obstante a ausência de uma carreira voltada exclusivamente para a crítica literária, Bakhtin conseguiu estabelecer conceitos que se contrapunham ao passado e ofereciam, desse modo, um novo olhar acerca da escrita artística da palavra. Um dos primeiros pontos de destaque é a contestação da doutrina estruturalista que apartava a palavra do sujeito que a produzia.

Ao ratificar o elo inexorável entre autores e obras, ou seja, entre o indivíduo e o discurso que é posto para uma interação social, Bakhtin anuncia o equívoco da imanência do texto. O reflexo de tal pensamento recai, por consequência, na ideia de que o texto

literário teria uma autonomia capaz de mantê-lo numa redoma na qual a sociedade só poderia contemplá-lo como um objeto extraterreno. O filósofo russo confere, assim, ao texto literário um pragmatismo *sui generis* se comparado às teorias de outrora. Em específico, os estudos bakhtinianos serão direcionados, preferencialmente, para o texto literário em prosa devido a maior facilidade de conexão com a realidade social. Nessa rota de pensamento, autor, narrador, personagens, diálogos e ações estão coadunados numa mesma prática discursiva que supera a utopia de um texto desconexo cabalmente dos fatos da vida em sociedade.

Nesse sentido, a possibilidade de um estudo que explicitasse as relações dialógicas e os cruzamentos dos discursos no texto literário encontrou reduto em um novo gênero cujo florescimento remonta ao século XVIII: o romance. De acordo com Bakhtin:

A orientação dialógica do discurso entre discursos alheios (de todos os graus e qualidades do alheio) cria possibilidade novas e essenciais do discurso literário, seu peculiar potencial de *prosas literárias*, que encontrou sua expressão mais plena e profunda no romance (2015, p. 47).

Como se percebe, o romance foi visto, por Bakhtin, como o gênero literário mais apto a demonstrar os conflitos sociais que são revelados nos discursos enunciados pelos personagens e narrador. Ademais, seria a forma mais apropriada para exprimir a refração do autor na medida em que a prosa romanesca possibilita que se coloque em cena múltiplas vozes dos mais diversos estratos da sociedade.

Um fato interessante, nisso tudo, é que o processo histórico que envolve a formação do romance, como gênero literário ascendente, é bastante conturbado, pois, na verdade, essa nova forma de prosa é reflexo de uma demanda social que caminhava para práticas ligadas ao individualismo. Situado no século XVIII, o romance, como afirma Adorno (2003), é o gênero da era burguesa. Portanto, as mudanças econômicas, políticas e sociais,

que podem ser resumidas com a revolução industrial, a consolidação do capitalismo e a ascensão da nova classe burguesa fazem do gênero romance uma categoria literária que buscava, inicialmente, atender ao ego de um indivíduo que buscava um certo isolamento.

É nesse aparente paradoxo que se encontra espaço para um intercâmbio entre língua, literatura e sociedade. Bakhtin (2015) postula, desse modo, que no romance é possível encontrar as vozes que ecoam na sociedade. Dessa forma, o filósofo russo consegue coadunar a Linguística e a Literatura no mesmo campo de ação. A relação entre os aspectos estéticos e os sociopolíticos foram formatados de tal forma que não se pudesse separar mais o uso da linguagem, nas suas mais diversas naturezas, das práticas discursivas que ocorrem na realidade social. Nessa esteira de pensamento e comentando acerca das ideias que nortearam os estudiosos do conhecido Círculo de Bakhtin, Faraco asserta:

Círculo para a temática da linguagem. Nela se casaram as preocupações nucleares de Bakhtin (a temática axiológica, a questão do evento único do Ser e a relação *eu/outro*), o interesse acadêmico de Voloshinov (que se dedicava, nessa época, a estudos linguísticos) e o projeto deste e de Medvedev de elaborar um método sociológico para os estudos da linguagem, da literatura e das manifestações da chamada cultura imaterial como um todo. Esse casamento de perspectivas na formulação de uma teoria da linguagem mostra, de um lado, a forma heurística da pluralidade de pontos de vista que se encontravam no Círculo; e, de outro, vai redirecionar os trabalhos de cada um de seus membros (FARACO, 2009, p.30).

Conforme apresenta Faraco, embora tenha havido distinções de foco entre os pesquisadores que formaram o Círculo de Bakhtin, o “grosso” que se produziu nesse grupo de estudo/pesquisa esteve voltado para compreender a linguagem na sua dinâmica social. As relações entre o sujeito e o conjunto da sociedade foi o cerne de uma teoria que inevitavelmente receberia influência do pensamento marxista. Nesse sentido, a construção do conceito do heterodiscurso e sua relação com a literatura (especificamente o gênero romance) revela que as nuances da linguagem precisavam ser exploradas em todas as áreas

da experiência humana, inclusive na arte que é uma forma particular de manipulação do código linguístico.

2 TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA: SINAIS DO HETERODISCURSO

A configuração do romance em terras brasileiras não apresentou grandes distinções em relação ao que vinha sendo feito na Europa no final do século XIX e início do século XX. Embora com sua autonomia política consolidada, o Brasil, como país “adolescente”, estava com sua identidade, ainda, em formação e por isso recebia muita influência externa.

Nessa conjuntura e na contramão de uma série de questões políticas, culturais e sociais que vivia o Brasil nos primeiros anos do século XX, o escritor Lima Barreto surge com críticas e sátiras explícitas ao sistema que a nova República patrocinava. É nesse contexto que se inscreve o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, tido como o mais caprichoso, em termos estéticos, que o referido autor conseguiu concretizar.

Publicado em 1911, o romance supracitado está inserido em um momento literário brasileiro no qual as questões sociais e políticas estavam sendo questionadas com certa veemência: o Pré-modernismo. Lima Barreto, nessa perspectiva, é destacado como um escritor que teve a coragem de colocar em debate muitos problemas que envolviam a sociedade de sua época. Assim, a aproximação com a realidade social é muito patente na literatura limabarretiana.

No caso específico de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, é possível detectar um caráter cômico do personagem principal, o que confere várias situações de confrontos de discursos entre o protagonista e os demais personagens. Existe, portanto, em *Policarpo Quaresma*, um certo humor que flutua entre o patético e o ridículo, o que possibilita a expressão, com um tom mais irônico e implícito, das ideias do autor. Ademais, é perceptível no romance a presença de ideologias que são enunciadas pela voz de muitos

personagens os quais representavam significativamente a sociedade brasileira inserida numa época retratada pela visão limabarretiana. Com isso, é plausível investigar a existência do discurso alheio em trechos da obra supracitada, já que as distinções ideológicas indicam que o autor usa as falas dos personagens para refratar seu pensamento.

Nessa mesma rota de pensamento, é importante destacar que para Bakhtin, a inserção do que se pode chamar de heterodiscurso ocorre em várias formas e tipos de romance, mas a presença mais marcante surge no romance humorístico. Desse modo, reforça-se, ainda mais, que a obra-prima de Lima Barreto apresenta traços dessa ideia de alteridade na qual o discurso está envolvido.

Dito isso, postula-se que a tendência a um caráter heterodiscursivo na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é apresentada desde o início do enredo. A multiplicidade de personagens – tipos sociais – se coadunam, na maior parte das vezes, para representar uma espécie de antítese às ideias do protagonista o qual se configura como um herói fadado ao fracasso. O discurso do Major Quaresma sofre vários reveses, o que parece ser a forma como o autor constrói a nuance sarcástica da obra. A possibilidade de reconhecer o discurso do outro o qual faculta a refração do pensamento limabarretiano fica evidenciada, inicialmente, no seguinte excerto:

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo. Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livro: ‘Se não era forma, para quê? Pedantismo!’ (BARRETO, 2011, p. 19)

Excerto 1

O indício do heterodiscurso, no trecho acima, é expresso através do discurso direto marcado pelas aspas. O personagem doutor Segadas verbaliza um pensamento como representante de uma classe: os intelectuais. Como intelectual, reconhecido por toda sociedade, o médico não admitia a ideia de que um sujeito fosse culto sem ter o aval de um

diploma. Não se trata, portanto, de um discurso individual, mas de todo um conjunto da sociedade da qual o doutor é apenas uma amostra. O autor, ao dar espaço a esse tipo de discurso parece apenas revelar que certos estereótipos representam equívocos que precisam ser desconstruídos. Em outras palavras, Quaresma poderia ser um leitor voraz e assim constituir-se como homem culto independente de ter feito um curso superior.

Na condição de herói com tom quixotesco, o personagem Quaresma tem discursos e ações que se contrapõem aos indivíduos que o rodeiam. Em outra passagem marcante do romance, o autor deixa patente a configuração do heterodiscurso:

Mas não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que coisa? Um homem tão sério metido nessas malandragens! [...]. É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas. À vista de tão escandaloso fato, a consideração que o major Policarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa diminuíram um pouco. Estava perdido, maluco, diziam. Ele, porém, continuou serenamente nos seus estudos, mesmo porque não percebeu essa diminuição (BARRETO, 2011, p. 20).

Excerto 2

No trecho supracitado é perceptível um discurso que mais uma vez se opõe ao pensamento e às atitudes do protagonista. Nesse caso, a antítese ao major ecoa de uma voz coletiva que o condena por supostos desvios às normas morais de uma época. Assim, é no discurso do outro que o autor consegue revelar toda uma hipocrisia da sociedade. Quaresma é condenado apenas por pensar e agir de modo distinto daquilo que se estabeleceu como oficial.

Em outro trecho da obra, Policarpo Quaresma apresenta um requerimento ao Congresso Nacional com o intuito de tornar o tupi-guarani como língua oficial do Brasil. Essa atitude do major representa o chamado projeto cultural que de alguma forma estabelecerá uma nova diretriz para a ideia de nacionalidade brasileira. É óbvio que existe

um tom humorístico nessa passagem e é justamente nesse ponto que o autor sugere o discurso alheio:

A brusca popularidade de Quaresma, o seu sucesso e nomeada efêmera irritaram seus colegas e superiores. ‘Já se viu!’ – dizia o secretário – ‘Esse tolo dirigir-se ao Congresso e propor alguma coisa! Pretensioso!’ O diretor, ao passar pela secretaria, olhava-o e soslaio e sentia que o regulamento não cogitasse do caso para lhe infringir uma censura. O colega arquivista era o menos terrível, mas chamou-o logo de doido (BARRETO, 2011, p. 63).

Excerto 3

Na passagem acima é possível identificar a presença do heterodiscurso de três formas distintas. Os colegas de Quaresma que sentiram inveja da fama repentina que ele adquiriu com a divulgação do inusitado requerimento se manifestaram com um discurso de oposição. O primeiro é expresso por meio de um discurso direto (marcado por aspas); o segundo é revelado através de um discurso indireto livre no qual a voz do autor e do personagem se hibridizam e terceiro apresenta um discurso indireto.

Vê-se, desse modo, uma configuração explícita do que a teoria bakhtiniana intitulou de heterodiscurso e a capacidade de sua inserção dentro do gênero romance. Nos excertos do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, apresentados acima, se constatou o modo como o autor utilizou o discurso alheio para poder expor teses que criticam certas ideias e comportamentos da sociedade brasileira de sua época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manifestação da linguagem ocorre sempre por meio de um caráter dialógico. Essa parece ser a premissa básica de Bakhtin. Nesse sentido, os sujeitos que interagem por meio da língua estabelecem uma ponte entre o “eu” e o “outro” que é sempre de troca e confronto. Seja na vida cotidiana seja nas narrativas literárias é possível perceber a alteridade no discurso, o que na teoria bakhtiniana ficou denominada de heterodiscurso.

Ao postular a inserção do heterodiscurso no romance, Bakhtin aproxima o texto literário dos estudos da ciência da linguagem (Linguística). Em outras palavras, mesmo o texto de natureza eminentemente conotativo, a presença mimética das relações sociais são extremamente relevantes. Ademais, as ideologias presentes no texto literário são, de alguma forma, refletivas no contexto de uma sociedade leitora.

Mesmo consciente de que seria possível constatar a presença do heterodiscurso em várias categorias de romance, Bakhtin destacou o romance humorístico como repositório mais explícito dessa característica dialógica da linguagem. Foi nessa rota de pensamento que se optou por encontrar e analisar marcas do discurso do outro na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* do escritor brasileiro Lima Barreto. Os trechos da obra apresentados deixam claro a necessidade da existência de discursos alheios que ao se confrontarem com a visão de mundo do protagonista (herói) permite a refração do ponto de vista do autor.

Desse modo, este breve estudo acerca do heterodiscurso sob a ótica bakhtiniana mostra que a linguagem, em seus diversos usos e práticas sociais, está inevitavelmente permeada por discursos que se cruzam, estabelecem embates e refletem as ideologias dos inúmeros grupos de indivíduos da sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 3.ed. São Paulo: Martins, 2000.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso. In: BRAIT, B. (Org). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2005.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997.

FARACO, C. A. **Linguagem e Discurso**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LIMA, B. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 5. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.